



Isabella Moriconi/Divulgação

Um rio caudaloso de canções

Correio ouviu antes o álbum de inéditas que chega nesta sexta (27) às plataformas digitais

AFFONSO NUNES

Hermínio Bello de Carvalho poderia, com toda a razão do mundo, viver de passado. Sete décadas de contribuição à música popular brasileira dão a qualquer um o direito de sentar na varanda e simplesmente acompanhar o crescimento dos frutos plantados. Mas Hermínio não é de varanda. Aos 90 anos, o compositor, poeta e produtor carioca chega a essa marca com um álbum de inéditas e a mesma disposição dos iniciantes.



Hermínio Bello de Carvalho revelou Clementina de Jesus para o Brasil

“Hermínio Bello de Carvalho – 90 anos” chega às plataformas nesta sexta-feira (27) scoito Fino. O Correio ouviu antes essas oito faixas, nascidas de parcerias com artistas

de gerações e estilos distintos, além de um poema recitado pelo próprio Hermínio que vale sozinho o disco inteiro. “É um espanto descobrir que Hermínio Bello de Carvalho tem inéditos na gaveta, seja um poema, uma letra de samba ou um único verso. O mundo não anda tão bem das

“É um espanto descobrir que Hermínio Bello de Carvalho tem inéditos na gaveta, seja um poema, uma letra de samba ou um único verso”

RUY CASTRO

pernas que possa passar sem o menor vestígio da sensibilidade de Hermínio”, escreveu um velho amigo, o jornalista e escritor Ruy Castro, no texto de apresentação ao álbum.

Vale lembrar que Hermínio é o responsável por espetáculos que mudaram a percepção da música

popular brasileira — o “Rosa de Ouro”, de 1965, que revelou Clementina de Jesus ao grande público; e o antológico disco “Elizeth Sobe o Morro”, do mesmo ano, que reuniu Elizeth Cardoso com os sambistas do morro num encontro histórico. É também o idealizador do Projeto Pixinguinha, criado em 1977 e ativo até hoje, que levou música de qualidade a cidades Brasil afora a preços populares. Como compositor tem parcerias do quilate de Cartola e Paulinho da Viola, de Cartola. Hermínio não é testemunha da história da canção brasileira, é um de seus autores.

E este patrimônio vivo de nossa música chega aos 90 anos abrindo a gaveta e distribuindo novas canções como quem oferece café aos amigos. “Seu novo álbum nasce como um rio caudaloso e novidadeiro. Caudaloso tanto pela riqueza das canções, quanto pelo conjunto de artistas interpretando seu cancionário inédito”, resume Vidal Assis, parceiro em três das oito faixas do disco e um dos articuladores do projeto.

As parcerias musicais do disco dizem muito sobre a personalidade plural e agregadora de Hermínio. Simone, que abre o álbum em “De Nada Valeu” e ainda aparece em outras duas faixas (“Dia Sim, Dia Não” e “Como se Faz”), leva sua maturidade a este disco que exala sensibilidade. Vindo de um universo aparentemente distante, Frejat encontra em “Carrapicho” um ponto de convergência improvável, tocando ele mesmo violão, guitarra barítono, baixo e percussão, numa produção intimista que coloca frente a frente a delicadeza poética de Hermínio e a garra roqueiro. Áurea Martins e Vital Lima interpretam juntos “Igual Ao Que Não Foi / Catando estrelas”, numa faixa que celebra o samba com a naturalidade de quem nunca precisou forçar nada. O jovem de alma veterana Ayrton Montarroyos recebe “Cabernet Sauvignon”, parceria de Hermínio com Vidal Assis, acompanhado apenas pelo violão preciso de João Camarero — num arranjo que tem a coragem de ser simples (e não menos sublime). E Gabi Buarque, voz cada vez mais presente na nova cena carioca, interpreta “Jogo Empatado”, composição a três mãos de Hermínio, Vidal Assis e Kiko Horta.

Mas é numa faixa sem música que o disco revela talvez seu momento mais tocante. Em “Las Hormigas”, Hermínio recita sozinho um poema de sua autoria. “Hermínio recita seu poema, que nos ensina sobre a eternidade do artista através do seu ofício.” O verso final, “Eu, enfim, não acabo aqui”, dito assim, por alguém que ainda tem inéditos na gaveta aos 90 anos, extrapola a poesia para se firmar como propósito.

Ruy Castro encerra o texto de apreensão com sua elegante ironia: “Hermínio, irmão, ainda falta muito para o ali adiante. E vai por mim: os primeiros 90 anos são os mais difíceis.” O álbum confirma a teoria.